

**TRADIÇÃO E
TRANSFORMAÇÃO: O
CAMINHO DOS 'FAZEDORES' DE
GARRAFADAS EM BENJAMIN
CONSTANT-AM**

*TRADITION AND
TRANSFORMATION: THE JOURNEY
OF 'GARRAFADA MAKERS' IN
BENJAMIN CONSTANT-AM*

Edilanê Mendes dos Santos

Professora no Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas – INC/UFAM.
Dra. Física Ambiental, mestre em Clima e Ambiente e bacharel em Física. ORCID:
<https://orcid.org/0000-0001-5902-4726>. E-mail: edilanemendes@ufam.edu.br

Gilvânia Plácido Braule

Doutora em Educação na Amazônia (Ufopa), Mestre em Educação (UFRGS), Graduação em
Pedagogia (UFAM). Docente-pesquisadora da Universidade Federal do Amazonas atuando no
Instituto de Natureza e Cultura -INC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0261-7077>. E-mail:
gilvania@ufam.edu.br

Tiago da Silva Almeida

Bacharel em Antropologia pela Universidade Federal do Amazonas. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9309-1638>. E-mail: tiagoalmeidatg88@gmail.com

Resumo: A pesquisa do tipo e método etnográfico teve como propósito conhecer a relevância dos conhecimentos tradicionais para três fabricantes de garrafadas residentes no município de Benjamin Constant, no Amazonas. Para atender o proposto, foram aplicadas conversas informais como meio inicial de pesquisa, evoluindo para entrevistas estruturadas que buscaram responder às indagações dos pesquisadores. Os resultados revelaram três modalidades distintas de aquisição do conhecimento na elaboração das garrafadas: tradição familiar (ensino intergeracional), vivência (práticas de colheita e preparo) e revelação (orientação ancestral). A partir dessa categorização, procurou-se evidenciar os elementos identitários de cada indivíduo durante o processo de produção das garrafadas ocorridos no decorrer das suas sociabilidades com familiares, amigos e comunidade. Essas interações, derivadas de suas vivências físicas e espirituais, e expressões orais sustentam e transmitem saberes. Ao destacar essas formas de aquisição, tornou-se possível compreender a complexidade envolvida na transmissão desse saber tradicional. A tradição familiar, as experiências vividas e as revelações pessoais emergiram como pilares fundamentais na formação desses fabricantes de garrafadas. Dessa forma, essa abordagem etnográfica não apenas lança luz sobre o conhecimento popular associado às práticas medicinais, mas também proporciona uma compreensão mais profunda das dinâmicas culturais subjacentes. A fé na eficácia simbólica das garrafadas não só influencia a percepção individual da cura, mas também desempenha um papel fundamental na coesão social, promovendo uma compreensão compartilhada do significado dessas práticas no contexto cultural em que estão inseridas.

Palavras-chave: Etnografia. Conhecimentos tradicionais. Eficácia simbólica. Plantas medicinais.

Abstract: The ethnographic research aimed to understand the relevance of traditional knowledge for three garrafada (medicinal drink) manufacturers residing in the municipality of Benjamin Constant, in Amazonas. To achieve this, informal conversations were initially conducted as a means of research, evolving into structured interviews that sought to address the researchers' questions. The results revealed three distinct modes of knowledge acquisition in the preparation of garrafadas: family tradition (intergenerational teaching), experience (harvesting and preparation practices), and revelation (ancestral guidance). From this categorization, the study aimed to highlight the identity elements of each individual during the garrafada production process, occurring throughout their social interactions with family, friends, and community. These interactions, derived from their physical and

spiritual experiences, along with oral expressions, sustain and transmit knowledge. By highlighting these forms of acquisition, it became possible to understand the complexity involved in the transmission of this traditional knowledge. Family tradition, lived experiences, and personal revelations emerged as fundamental pillars in the formation of these garrafada manufacturers. Thus, this ethnographic approach not only sheds light on popular knowledge associated with medicinal practices but also provides a deeper understanding of the underlying cultural dynamics. Faith in the symbolic efficacy of garrafadas not only influences individual perceptions of healing but also plays a crucial role in social cohesion, promoting a shared understanding of the significance of these practices within the cultural context in which they are embedded.

Keywords: Ethnography. Traditional knowledge. Symbolic efficacy. Medicinal plants.

INTRODUÇÃO

As plantas medicinais têm desempenhado um papel significativo ao longo dos milênios, sendo empregadas para tratamento, cura e prevenção de doenças. O seu uso é uma das formas mais antigas de prática medicinal da humanidade, conforme destacado por Farnsworth e Soejarto¹ e Veiga Junior *et al.*². A legislação brasileira estipula que o uso de plantas medicinais requer conhecimento sobre sua obtenção e preparação. Tanto que a comercialização dessas plantas é permitida em farmácias e ervanarias que estejam em conformidade com as normas sanitárias em vigor, incluindo a presença de um farmacêutico ou responsável técnico no estabelecimento³.

No contexto brasileiro, as garrafadas representam combinações dessas plantas medicinais incorporadas a bebidas alcoólicas, sendo empregadas para diversas finalidades na medicina popular ou tradicional⁴, cujo campo de conhecimento

¹ FARNSWORTH, Norman R.; SOEJARTO, Djaja Doel. Global importance of medicinal plants. *The conservation of medicinal plants*, v. 26, n. 26, p. 25-51, 1991. Disponível em: https://ceab-rizoma.com/wp-content/uploads/2021/04/LIBRO-AKERELE-ETAL-1988-Conservacion-de-plantas-medicinales_compressed.pdf#page=46.

² VEIGA JUNIOR, Valdir F.; PINTO, Angelo C.; MACIEL, Maria Aparecida M. Plantas medicinais: cura segura? *Química nova*, v. 28, p. 519-528, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-40422005000300026>.

³ BRASIL. *Lei 5.991, de 17 de dezembro de 1973*. Dispõe sobre o controle sanitário do comércio de drogas, medicamentos, insumos farmacêuticos, e correlatos e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5991.htm. Acesso em: 02 out. 2023.

⁴ A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a medicina tradicional como a soma total de conhecimentos, capacidades e práticas baseados em teorias, crenças e experiências próprias de diferentes culturas, utilizadas para manter a saúde e prevenir, diagnosticar, melhorar ou tratar doenças físicas e mentais. ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. *Estrategia de la OMS sobre medicina tradicional 2014-2023*. 2013. Disponível em: <https://www.who.int/iris/handle/10665/95008>. Acesso em: 05 jul. 2024.

integra saberes tradicionais e práticas de cura desenvolvidas em paralelo às imposições hegemônicas da medicina convencional.

De Arruda Camargo⁵, conceitua as garrafadas como formulações medicinais enraizadas nas práticas da medicina popular entre os brasileiros. Acredita-se que elas sejam diretamente derivadas da formulação jesuíta *Triaga Brasilica*, uma panaceia à base de vinho, mel e ingredientes 'secretos' que surgiu por volta do século XVI, no Brasil⁶.

A disseminação cultural das garrafadas no Brasil, revela um interessante entrelaçamento entre a medicina popular e a legislação sanitária. Mesmo sem regulamentação pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária do Brasil (Anvisa), essas preparações são comercializadas em todo o País, respaldadas pela legitimidade conferida pela cultura e saberes populares. É fundamental ponderar sobre a segurança e eficácia dessas práticas, como salientado por Passos *et al*⁷. Em sua pesquisa, os autores identificaram aproximadamente 212.000 registros online contendo a palavra-chave 'garrafada'. Esse fato deve-se a interconexão entre o ser humano, a natureza e a cultura, destacando a importância da biodiversidade e do conhecimento tradicional na medicina popular. Essas práticas, para além de refletirem a busca pela cura, evidenciam a relação íntima entre as comunidades e seus ambientes naturais.

Neste cenário, o tratamento "alternativo" de doenças por meio das "garrafadas" é uma prática comum, coexistindo harmoniosamente com a medicação prescrita por profissionais de saúde. Essa coexistência destaca a credibilidade conferida aos praticantes dessas preparações, imbuídas de significados culturais que transcendem o tradicionalismo e se entrelaçam com a fé. Isso ficou evidente na

⁵ DE ARRUDA CAMARGO, Maria Thereza Lemos. A garrafada na medicina popular: uma revisão historiográfica. *Dominguezia*, v. 27, n. 1, p. 41-49, 2011. Disponível em: <https://ojs.dominguezia.org/index.php/Dominguezia/article/view/2011%2027%281%29-4>. Acesso em: 12 out. 2023.

⁶ PASSOS, Márcia Maria Barros *et al*. A disseminação cultural das garrafadas no Brasil: um paralelo entre medicina popular e legislação sanitária. *Saúde em debate*, v. 42, p. 248-262, 2018. p. 249. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201811620>.

⁷ PASSOS *et al*, 2018.

pesquisa realizada pela antropóloga Cristina Diógenes Souza Bezerra⁸ com a Doutora Raiz, uma personagem que se destaca por seu conhecimento e práticas relacionadas ao uso de ervas para a cura. Doutora Raiz combina sabedoria tradicional com uma forte crença na eficácia terapêutica das ervas naturais, enfatizando a importância da fé e da confiança no tratamento para alcançar a cura.

Em um contexto societal em que as indústrias farmacêuticas desempenham um papel preponderante, é notável que essa tradição persista nos grandes centros urbanos e em locais onde as opções de cuidados médicos são mais restritas, como é o caso do município de Benjamin Constant, no Amazonas.

A presente pesquisa se insere, portanto, nos esforços de descrever, por meio de uma abordagem etnográfica, o trabalho dos praticantes de garrafadas, desde a aquisição do conhecimento até os intrincados processos de elaboração, reconhecimento e legitimidade perante a clientela. Essa abordagem permite uma compreensão mais rica das experiências e narrativas, contribuindo para uma análise mais aprofundada e significativa⁹. Adicionalmente, busca-se compreender o trajeto pelos quais os interlocutores adquiriram conhecimentos sobre medicina natural, transformando-se em praticantes de garrafadas.

A ETNOGRAFIA COMO ESTUDO DA CULTURA POPULAR DA MEDICINA NATURAL

Para os indivíduos afastados dos grandes centros urbanos, ainda é comum aprender sobre remédios caseiros através de conversas com pessoas mais velhas. Essas pessoas, embora desprovidas de conhecimento especializado, compartilham convicções como "boldo (*Peumus boldus*) e casca de laranja são bons para o estômago" e "catinga-de-mulata (*Tanacetum vulgare*) é útil em banhos para crianças e seu chá promove o bom funcionamento do coração". Estas informações levantadas na oralidade se confirmam também nas publicações de artigos e livros que abordam

⁸ BEZERRA, Cristina Diógenes Souza. Processos de cura com ervas da terra: saberes de uma Doutora Raiz. *Equatorial—Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, v. 3, n. 5, p. 156-183, 2016. DOI: <https://doi.org/10.21680/2446-5674.2016v3n5ID14921>.

⁹ CABRAL, João de Pina; LIMA, Antônia Pedroso de. Como fazer uma história de família: um exercício de contextualização social. *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, v. 9, n. 2, p. 355-388, 2005. DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.2975>.

a relevância dos saberes populares no tratamento de saúde através das ervas, das cascas, raízes e óleos de árvores. No caso específico da localidade da pesquisa na Amazônia, o uso destas é comum, como se destaca no artigo de Alcioni Monteiro *et al*¹⁰.

Entre populações tradicionais brasileiras, o uso dos vegetais vem sendo feito ao longo da história, estimulados pelos saberes tradicionais constituídos pela oralidade entre gerações em diferentes matrizes indígenas, africana e europeias existentes. Analogamente, os fazedores de garrafadas herdaram e aplicam conhecimentos testados ao longo do tempo por seus antepassados. Indígenas e quilombolas, por exemplo, realizam experimentos em seus territórios, cruzando espécies e selecionando sementes mais resistentes, demonstrando um grupo que utiliza conhecimento empírico¹¹ para atender as necessidades práticas e de cura de doenças.

Como substrato para fabricação de medicamentos, “[...] as plantas são utilizadas em práticas populares e tradicionais como remédios caseiros e comunitários, processo conhecido como medicina tradicional”¹².

Deste modo, os saberes tradicionais representam conhecimentos transmitidos através das gerações, seguindo regras e atitudes sistemáticas, conforme destacado por Manuela da Cunha e Mauro Barbosa de Almeida¹³, ambos

¹⁰ SILVA MONTEIRO, Alcioni *et al*. Uso de Plantas Medicinais por Povos Milenares da Amazônia–Brasil (Munduruku, Karapãna, Pupykary, Tikuna e Kokama), Guiné Bissau (Fulas, Gabu) e Moçambique–Tete (Dema e Nyungwe): Uma Perspectiva Comparada. *Educamazônia-Educação, Sociedade e Meio Ambiente*, v. 17, n. 2, p. 533-572, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/educamazonia/article/download/15781/9567/41485>.

¹¹ Um estudo empírico baseia-se em evidências concretas coletadas por meio de observações, experimentos e análises de dados reais. Deste modo, acredita-se que o conhecimento sobre as propriedades medicinais das plantas foi baseado na observação cuidadosa dos seus efeitos em animais e, posteriormente, em humanos.

¹² SILVA, Amanda Cardoso da; LOBATO, Flavio Henrique Souza; RAVENA-CANETE, Voyner. Plantas medicinais e seus usos em um quilombo amazônico: o caso da comunidade Quilombola do Abacatal, Ananindeua (PA). *Revista do NUFEN*, v. 11, n. 3, p. 113-136, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v11n3/a08.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2024.

¹³ CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; DE ALMEIDA, Mauro Barbosa. Enciclopédia da Floresta – O Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações. *Revista Cantareira*, n. 2, 2002. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27683>. Acesso em: 12 out. 2023.

pesquisadores trabalham com povos tradicionais e com as ciências em diferentes escopos¹⁴.

Por isso, esta pesquisa demandou uma abordagem múltipla, em consonância com a observação de Clifford¹⁵: "o processo é complicado pela ação de múltiplas subjetividades e constrangimentos políticos que estão acima do controle do escritor". Deste modo, o estudo etnográfico revelou-se um método mais apropriado, considerando dois fatores: a experiência de vida dos pesquisadores, que estabeleceram contatos com os fazedores de garrafadas (designados neste trabalho como garrafeiros), e a necessidade de uma observação minuciosa de todos os passos envolvidos no tratamento medicinal com as garrafadas.

A etnografia, nesse contexto do interior da Amazônia, no qual a sociobiodiversidade constituída de povos, culturas e ambiente, requereu não apenas os saberes experienciais do pesquisador, mas também sua habilidade de discernir detalhes dentro do contexto do problema de pesquisa, demandando uma análise sensível e subjetiva, ao abordar a origem do saber e a cultura no uso das garrafadas na medicina popular/tradicional.

Cosgrove¹⁶ e Rose¹⁷ ressaltam que a cultura é reproduzida pelas ações dos indivíduos e grupos, sendo ao mesmo tempo determinada e determinante da consciência e das práticas humanas. Portanto, entender a cultura implica reconhecer o papel ativo dos agentes sociais na construção e reprodução de significados, práticas e relações sociais.

Deste modo, a investigação das garrafadas como prática cultural e medicinal exige uma abordagem etnográfica sensível e múltipla, que leve em conta tanto os saberes tradicionais transmitidos ao longo das gerações quanto os contextos socioeconômicos e políticos que moldaram essas práticas.

¹⁴ OLIVEIRA, Joana Cabral de. Entre Chico Mendes e Quine: uma conversa com Manuela Carneiro da Cunha e Mauro Almeida. *Anuário Antropológico*, v. 45, n. 3, p. 205-220, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/6661>. Acesso em: 05 jul. 2024.

¹⁵ CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica – antropologia e literatura no séc.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. 281 p.

¹⁶ COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *Geografia cultural: uma antologia*, v. 1, p. 219-237, 2012.

¹⁷ ROSE, Gillian. *Visual methodologies: An introduction to researching with visual materials*, 2022. 100 p.

O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA ETNOGRÁFICA

Para este estudo, realizado no último trimestre de 2019, estabeleceram-se contatos com experientes garrafeiros que, ao longo dos anos, solidificaram suas reputações como habilidosos fabricantes de garrafadas. Nesse sentido, três desses praticantes notáveis foram escolhidos com o intuito de aprofundar o entendimento sobre o tema: Sr. NJP, Sr. OFA e Sra. RSA¹⁸.

Dada a natureza e abordagem qualitativa (tratamento de dados subjetivos), a descrição das narrativas e entrevistas aplicadas na pesquisa do tipo e método etnográfico, a exploração das narrativas de vida tornou-se fundamental para compreender como esses indivíduos se apropriaram do conhecimento e se tornaram mestres na arte de produzir garrafadas, uma perspectiva que preserva e resgata memórias significativas.

A elaboração desta etnografia envolveu a criação de um roteiro de entrevista com perguntas abertas, direcionadas à essência do propósito desta pesquisa. A coleta e armazenamento de dados foram realizados por meio de caderno de campo, gravações de entrevistas (em áudio e transcrição) e registros visuais, buscando descrever qualitativamente os saberes expressos.

É imperativo ressaltar que o trabalho de campo, por sua natureza imprevisível, muitas vezes desafia as previsões teóricas, demandando do pesquisador flexibilidade para lidar com imprevistos. Em alguns momentos, os interlocutores não estavam disponíveis nos dias planejados, resultando em ajustes no cronograma e, por vezes, gerando frustrações. Contudo, a prontidão para retornar e coletar os dados necessários permaneceu constante.

Ao retornar aos interlocutores, foi adotada a precaução de avaliar se era o momento mais propício para dar continuidade às conversas. Reconhecendo que, apesar do interesse expresso em compartilhar suas histórias, eles possuíam outras responsabilidades, procuramos assim, sempre respeitar o tempo de cada um. Os

¹⁸ Siglas a partir do nome e sobrenome dos entrevistados. O Sr. NJP, graduado em Letras: Língua Portuguesa e Língua Espanhola, ex-seminarista da missão dos Capuchinhos e autodidata em estudos sobre medicina popular; O Sr. OFA, caboclo de identidade étnica miscigenada entre indígenas e negros, agricultor e agente cultural de danças folclóricas e Sra. RSA, cabocla miscigenada e agricultora de Benjamin Constant - AM.

encontros, agendados previamente para a melhor data e hora, revelavam a ansiedade dos participantes em compartilhar suas experiências. O interesse manifestado por eles em discutir suas práticas relacionadas às garrafadas não apenas impulsionou significativamente o progresso da pesquisa, mas também evidenciou o reconhecimento que esses praticantes valorizam, alimentando um estímulo vital para a produção do conhecimento.

A PERPETUAÇÃO DO CONHECIMENTO EMPÍRICO TRADICIONAL E O SIMBOLISMO DA TRADIÇÃO

Conhecimento tradicional não é o mesmo que senso comum. Trata-se de saberes que continuamente se atualizam incorporando outros conhecimentos sem perder o que os diferencia, e principalmente, valorizando a cultura das relações entre as pessoas (construtoras de saberes e portadoras de culturas) e entre as pessoas e os demais elementos da natureza, com os vegetais, aqui evidenciados em seus valores medicinais. Como em Carneiro da Cunha e De Almeida¹⁹, entendemos que as relações supracitadas são essenciais para consolidação destes saberes e de sua aplicabilidade.

A medicina popular, conforme classificada por De Arruda Camargo²⁰, fundamenta-se em ideias e valores moldados pelo consciente coletivo, transmitindo seus conhecimentos predominantemente de forma oral. Esses saberes são enraizados no conhecimento empírico acumulado, muitas vezes entrelaçados a elementos doutrinários de natureza religiosa. A utilização de plantas, seja como alimentos ou medicamentos, remonta possivelmente à própria existência humana na Terra, indicando que a descoberta das propriedades benéficas ou prejudiciais desses vegetais ocorreu por meio de um processo empírico ao longo da civilização.

Ailton Krenak, na sua obra *Futuro Ancestral*²¹, destaca a importância das plantas para além suas propriedades terapêuticas e medicinais, considerando-as como seres vivos com os quais compartilhamos o planeta. Essa visão de mundo do

¹⁹ CARNEIRO DA CUNHA; DE ALMEIDA, 2002.

²⁰ DE ARRUDA CAMARGO, 2011.

²¹ KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

autor é contra hegemônica, visto o seu questionamento sobre as formas de conhecimento e modelos de sociedade, destacando a importância de valorizar as sabedorias e práticas tradicionais das culturas locais em contraposição aos padrões impostos pela modernidade e pelo sistema dominante. Ao abordar práticas indígenas de cuidado, Krenak²² sustenta que para cura e cuidados com práticas ancestrais, é preciso abrir-se para epistemologias além das ocidentais.

O processo de preparação das "fórmulas medicinais", que podem incluir componentes de origem vegetal, mineral e animal, segue uma trajetória semelhante de descoberta, muitas vezes incorporando elementos religiosos, dependendo do praticante envolvido. No contexto brasileiro, o uso de plantas medicinais, segundo Da Cruz Monteiro e Brandelli²³, é fortemente influenciado pelas culturas africana, indígena e europeia, com os europeus entrando em contato com esse conhecimento por meio dos pajés e suas tradições transmitidas ao longo do tempo.

De Arruda Camargo²⁴ destaca que as plantas medicinais adquirem caráter sagrado quando são inseridas em outros sistemas, recebendo valor sacral de acordo com o uso a elas atribuído. Múltiplos estudos acadêmicos exploraram o tema das "garrafadas" sob diversas perspectivas. Marques, Oliveira e Lacerda²⁵ e Passos *et al.*²⁶ abordaram, respectivamente, os efeitos alopatóicos e a regulamentação sanitária, chegando a conclusão de que a comercialização das garrafadas, sem uma validação científica e economia registrada, alinha-se a validação apenas do senso comum, ou seja, sem o reconhecimento de que existe um saber construído, possuindo um empirismo reconhecido somente pelos detentores dos saberes tradicionais, que são aprendidos e ensinados durante as práticas de sociabilidade (interações) sustentadas pela oralidade expressa no cotidiano (vivências comuns).

²² KRENAK, Ailton. Práticas indígenas de cuidado. *In*: BARRETO, Alexandre Franca *et al.* (org.). *Saberes Ancestrais e Cura Integrativa: Diálogos Decoloniais*. Recife: ObservaPICS, 2023.

²³ DA CRUZ MONTEIRO, Siomara; BRANDELLI, Clara Lia Costa. *Farmacobotânica: Aspectos Teóricos e Aplicação*. Porto Alegre: Artmed, 2017.

²⁴ DE ARRUDA CAMARGO, Maria Thereza Lemos. Os poderes das plantas sagradas numa abordagem etnofarmacobotânica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 15-16, p. 395-410, 2006. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2006.89745>.

²⁵ MARQUES, J. O.; OLIVEIRA, M. F. F.; LACERDA, G. A. Efeito alopatóico e análise dos rótulos de garrafadas comercializadas no Mercado Municipal de Montes Claros–MG. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 17, p. 1134-1141, 2015. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-084X/14_160.

²⁶ PASSOS *et al.*, 2018.

Como disse o indígena Tukano João Paulo Barreto ²⁷, “os conhecimentos indígenas têm outro modelo de conhecimento, que não é pior nem melhor - é outro, é diferente. Somos diferentes por isso.”

Trabalhos como o de Almeida ²⁸ exploraram desde as origens do conhecimento humano sobre as plantas, citando o registro mais antigo, o Pen Ts'ao, de 2800 a.C., até as diretrizes da Organização Mundial de Saúde (OMS) para conectar a medicina tradicional empírica à medicina científica. De Arruda Camargo²⁹ destaca que, nas sociedades modernas, a medicina popular coexiste com o sistema médico, apesar do caráter etnocêntrico deste último, que muitas vezes a considera um produto de cultura inferior.

Abordando o tema de maneira mais transcendental, Camargo³⁰ discute as práticas médicas populares com uma abordagem de cunho mediúnico, enfatizando os rituais de cura. No artigo "O Feiticeiro e Sua Magia", Lévi-Strauss³¹, embora não se detenha explicitamente sobre as garrafadas, investiga a questão sob uma perspectiva simbólica, destacando a crença como um elemento central em qualquer cultura, ele argumenta que a eficácia da magia está ligada à crença na magia. Ou seja, a magia funciona porque as pessoas acreditam que ela funciona. Isso é o que ele chama de "eficácia simbólica". O acreditar nessa “magia”, vem na crença do invisível, mas vivo no sentir e cosmo sentir das entidades encantadas que ensinam o poder das ervas e como estas devem ser utilizadas. Isso acontece com os povos indígenas e como descreve Elisa Urbano Ramos³², os encantados:

²⁷ LIMA BARRETO, João Paulo. Medicina ancestral indígena Yepamahsã e o Centro de Medicina Indígena Bahserikowi. In: BARRETO, Alexandre Franca *et al.* (org.). *Saberes Ancestrais e Cura Integrativa: Diálogos Decoloniais*. Recife: ObservaPICS, 2023.

²⁸ ALMEIDA, Mara Zélia de. Plantas medicinais: abordagem histórico-contemporânea. *Plantas Medicinais* [online], v. 3, p. 34-66, 2011. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/xf7vy/pdf/almeida-9788523212162-03.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2023.

²⁹ DE ARRUDA CAMARGO, 2011.

³⁰ CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira. *Kardecismo e Umbanda*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.

³¹ LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. *Antropologia estrutural*, v. 5, p. 193-214, 1975. Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/mas/files/strauss_magia_ed.1978.pdf. Acesso em: 14 nov. 2023.

³² RAMOS, Elisa Urbano. Práticas de cura do povo Pankararu. In: BARRETO, Alexandre Franca *et al.* (org.). *Saberes Ancestrais e Cura Integrativa: Diálogos Decoloniais*. Recife: ObservaPICS, 2023. p. 251.

[...] são pessoas invisíveis que têm um conhecimento, um entendimento muito apurado, um poder apurado, por isso há quem os chame de espíritos sagrados, porque entendo como pessoas de conhecimento. [...] Os encantados são pessoas que têm um saber, um entendimento, uma compreensão, por isso são chamados de espíritos sagrados. Possuem uma grande ética, por isso eles têm perfil de médicos, de juizes, de advogados, de guerreiros, de orientadores, de ensinadores.

Mediante a isso, vemos que estes conhecimentos são validados com experimentações e ensinados tradicionalmente. No processo das garrafadas, o conhecimento de vegetais ajuda a identificar os caules (cascas), os cipós, as raízes, sementes e folhas que são utilizadas. A identificação das plantas e suas propriedades curativas são necessárias, mas com atenção ao quantitativo apropriado para cada problema de saúde, para não causar efeitos contrários a cura.

Ao referenciar estudos acerca das propriedades fitoterápicas das plantas, De Oliveira³³ além de discutir suas características químicas, também contempla propriedades que transcendem as formulações, ressaltando a eficácia simbólica como um componente essencial a ser considerado.

Retornando ao conceito de eficácia simbólica proposto por Lévi-Strauss³⁴, em um contexto antropológico, pode ser enriquecida por meio das contribuições de Clifford Geertz³⁵, que advoga pela importância da antropologia em interpretar os significados culturais a partir da perspectiva dos próprios atores sociais.

Dessa forma, ao examinar a eficácia simbólica é possível aprofundar a compreensão das dinâmicas culturais. Desta feita, a eficácia simbólica refere-se à capacidade dos símbolos de influenciar e moldar a realidade social, mesmo que não tenham uma relação direta com os eventos que buscam influenciar. Lévi-Strauss³⁶ argumenta que os símbolos têm um poder eficaz na organização e estruturação das sociedades, e essa eficácia é real, apesar de não ser necessariamente racional ou

³³ DE OLIVEIRA, Walter F. *A construção cultural da saúde e o espaço da medicina tradicional*. [em linha], 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ronald-Chaves/publication/366946670_PAPER_1_A_CONSTRUCAO_CULTURAL_DA_SAUDE_E_O_ESPACO_DA_MEDICINA_TRADICIONAL_1/links/63b9cb14c3c99660ebd8859c/PAPER-1-A-CONSTRUCAO-CULTURAL-DA-SAUDE-E-O-ESPACO-DA-MEDICINA-TRADICIONAL-1.pdf. Acesso em: 24 nov. 2023.

³⁴ LÉVI-STRAUSS, 1975.

³⁵ GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989. cap. 1, p. 15-54.

³⁶ LÉVI-STRAUSS, 1975.

objetiva, ou seja, a eficácia simbólica da magia está relacionada à crença na magia, e a magia é uma forma de lidar com a incerteza e a ansiedade que surgem quando as pessoas se deparam com situações que não conseguem explicar racionalmente.

Logo, a fé dos que fazem e usam as garrafadas, revela-se como um elemento intrínseco na eficácia simbólica dessas práticas terapêuticas populares. Nesse contexto, a análise proposta por De Oliveira³⁷ ganha uma dimensão mais profunda, levando a compreensão de que a interpretação cultural desses símbolos transcende a mera aplicação de ingredientes e rituais. A eficácia simbólica das garrafadas está intrinsecamente ligada à crença compartilhada pelos participantes, moldando suas percepções sobre saúde e cura.

A GARRAFADA COMO CONHECIMENTO TRADICIONAL E DA CULTURA POPULAR

Ao contemplar o processo da medicina popular/tradicional por meio das garrafadas, é importante reconhecer os garrafeiros como seres que se constituem e constituem seus saberes em diferentes ciclos de vida, da infância à vida adulta. Isso remete à Antropologia da Criança³⁸, evocando a infância dos fazedores como um ponto de partida significativo na cultura do aprender a conhecer os vegetais com propriedades medicinais e o aprender a fazer as garrafadas.

A prática de elaborar esses preparados medicinais muitas vezes tem suas raízes na infância, onde se aprende não apenas por meio de ensinamentos diretos, mas também absorvendo as narrativas e tradições transmitidas oralmente desde os primeiros anos de vida. “A criança enquanto sujeito social e histórico faz parte de uma organização familiar, não obstante, ela está inserida em uma cultura e um determinado momento histórico, influencia e é influenciada pelo contexto social onde cresce e se desenvolve”³⁹.

³⁷ DE OLIVEIRA, 2003.

³⁸ É um subcampo da antropologia que foca no estudo das crianças e suas experiências culturais.

³⁹ MOTA, Marinete Lourenço. *A criança na fronteira amazônica: o viver no fio da navalha e o imaginário da infância*. 2016. 259 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5412>. Acesso em: 07 jul. 2024.

No escopo da Antropologia da criança, o enfoque recai sobre os processos de ensino e aprendizagem ocorridos nessa fase da vida. Busca-se uma compreensão profunda sobre o significado de educar e aprender, como o conhecimento é concebido e transmitido, as diversas modalidades, espaços e relações envolvidas nesse intrincado processo, bem como o papel da criança nesse contexto⁴⁰. Nesse sentido, a transmissão do conhecimento pode ser categorizada como formal, envolvendo a educação escolar, e não-formal, derivada de experiências vivenciais.

No aprendizado relacionado ao uso de plantas medicinais e à produção de garrafadas, ambas as modalidades coexistem, mas a ênfase preponderante recai sobre a esfera familiar, ou seja, nas relações de parentesco. Godelier⁴¹, ao analisar os aborígenes australianos, destacou que as relações de parentesco eram também relações de produção, nas quais um conjunto de regras abstratas de apropriação da natureza era transmitido de geração em geração através das relações filiais.

Luiz Rufino⁴², ao discutir a questão corpórea do mundo, observa não somente os corpos, mas também os espíritos destes. Para o pesquisador, na colonização, os grandes negócios não eram as vendas oriundas de plantações, e sim os corpos negros que carregavam consigo múltiplos saberes e memórias de suas civilizações. Não eram somente corpos, eram sabedorias que, juntamente com outras, compuseram conhecimentos tradicionais que perduram até a atualidade, incluindo os relacionados às plantas medicinais.

Na pesquisa, os três interlocutores com identidades miscigenadas adquiriram seus conhecimentos de maneira informal, embora distintas entre si, de acordo com a cultura de seu povo de origem.

Acreditamos que o saber ancestral múltiplo, singular e integral dos diversos povos e tradições de nosso território – seja daqueles que o habitam desde o início dos tempos, seja daqueles que migraram em diáspora e passaram a compartilhar de uma terra comum, muitas vezes em conflito – são saberes

⁴⁰ COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005. 59 p.

⁴¹ GODELIER, Maurice. A parte ideal do real. In: *Godelier: Antropologia*. São Paulo: Ática, 1981. p. 185-204. p. 186.

⁴² RUFINO, Luiz. Performances afro-diaspóricas e decolonialidade: o saber corporal a partir de exu e suas encruzilhadas. *Revista Antropolítica*, v. 40, n. 1, p. 54-80, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/download/54749973/antropolitica_Rufino.pdf. Acesso em: 05 jul. 2024.

que podem nos ensinar o exercício criativo, diverso e singular do cuidado e da cura⁴³.

Ao encontro deste entendimento, Geertz⁴⁴ argumenta que todos os indivíduos são capacitados a assimilar um programa cultural, e este programa é o que conhecemos como cultura. Dessa perspectiva, as garrafadas, entendidas como produtos elaborados e mantidos por grupos culturais, como raizeiros, rezadores, curandeiros e vendedores de plantas medicinais⁴⁵, têm suas raízes nos saberes da cultura popular.

No emaranhado de saberes constituídos por diferentes civilizações indígenas, africanas e europeias, os conhecimentos sobre plantas medicinais foram sendo, através da oralidade, reconhecidos como verdadeiros e aplicados, mesmo sem o reconhecimento oficial de órgãos de saúde. Nesse processo, observa-se que o conhecer também se pauta no sentir e na transcendência ancestral. A relação entre o ser garrafeiro e seu saber/conhecimento se completa com seu sentir físico e espiritual, desde a retirada dos vegetais ou suas partes até a orientação de ingerir o líquido preparado para a cura de enfermidades.

Quanto ao aprendizado sobre as garrafadas, foi perguntado: quem foi a pessoa que passou esse conhecimento para você?

NJP: *“Diria que foi a minha avó e depois minha mãe, elas acreditavam muito. Minha avó era como uma médica que todos procuravam e ela não só atendia todas as necessidades como cultivava muitas plantas medicinais. Minha mãe continuou e depois eu.”*

OFA: *“Aprendi através das minhas andanças e vendo os mais velhos, que traziam consigo esse conhecimento.”*

RSA: *“Isso aí foi uma pessoa que veio visível para mim e me ensinou, foi gente daqui da Terra não! Foi através de um sonho. Me ensinou a fazer, que servia porque eu estava bem doente e desenganada pelos médicos, e ele disse que eu não iria morrer, eu podia fazer e preparar tudinho as garrafadas, pegar tudinho e preparar e que eu ia ficar boa e iria curar muitas pessoas que estava precisando. Me ensinou tudinho e disse o nome tudinho, e eu estava bem doente, mas eu gravei tudinho.”*

⁴³ LIMA BARRETO, 2023, p. 19.

⁴⁴ GEERTZ, 1989.

⁴⁵ PASSOS *et al.*, 2018.

A partir das respostas dos entrevistados, podemos observar que o Sr. NJP consolidou seus conhecimentos por meio da tradição oral. Conforme Bosi⁴⁶, a memória das pessoas idosas é enriquecida por complexos processos sociais, refletindo experiências em quadros de referência familiar e cultural. Essa dinâmica se evidencia na transmissão intergeracional de saberes sobre o cultivo de plantas medicinais e a preparação de garrafadas, revelando uma "convivência e aprendizado intergeracional que possibilita a transmissão dos saberes e sua renovação"⁴⁷. Os ensinamentos podem remontar a várias gerações anteriores a ele, indicando uma continuidade nesse processo.

Lévi-Strauss⁴⁸ argumenta que nossa ligação com o passado não se dá apenas por tradição oral, sugerindo que o conhecimento adquirido por meio de livros também desempenha um papel. No entanto, no caso dos fazedores de garrafada, a transmissão do ofício ocorre predominantemente pela oralidade, destacando a importância da comunicação verbal na preservação desse conhecimento.

No caso de Sr. OFA, a decisão de aprender sobre garrafadas foi uma escolha individual, diferenciando-se da abordagem do Sr. NJP, que seguiu uma tradição familiar. O conhecimento do Sr. OFA emergiu do coletivo ao qual escolheu pertencer, revelando a dinâmica fluida e adaptativa dos processos de aprendizado relacionados às práticas de garrafadas.

A Sra. RSA adquiriu conhecimentos sobre a preparação de garrafadas por meio de experiências oníricas durante um período de saúde debilitada, quando sua condição médica havia sido considerada sem esperança pelos profissionais de saúde local. Durante esses sonhos, foi revelado a ela um "remédio" que prometia a cura. Sua narrativa pode ser contextualizada à luz da ancestralidade nas revelações de pajés e nas práticas ocidentais como os relatos presentes nas tradições das religiões judaico-

⁴⁶ BOSI, Ecléa. Memória da psicologia. *Estudos avançados*, v. 8, p. 379-388, 1994. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141994000300048>.

⁴⁷ FRANCO, Mariana Ciavatta Pantoja. "Conhecimentos Tradicionais": uma discussão conceitual. *Anais do Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental*, n. 1, 2016. Disponível em: <https://teste-periodicos.ufac.br/index.php/simposiufac/article/view/794/396>. Acesso em: 24 out. 2023.

⁴⁸ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Ordre et désordre dans la tradition orale*. *Paroles données*, p. 150-157, 1984.

cristãs (conhecimento ocidental), em destaque os sonhos de José no Egito⁴⁹. No xamanismo⁵⁰, os sonhos e visões são frequentemente considerados meios pelos quais os espíritos guiam os xamãs para a descoberta de curas e soluções para problemas da comunidade. Ao receber orientações dos encantados e espíritos da floresta, em sonhos ou em momento de forte concentração com evocação à natureza, pajés recebem revelações. Nesse processo, a “[...] produção de novos conhecimentos pode ser pensada como divulgação dessas experiências entre o saber ancestral e a prática presente aqui e agora [...]”⁵¹.

É necessário ressaltar que interpretar produtos do pensamento analógico, como sonhos, imagens, fantasias e mitos, no âmbito da lógica analítica e linear é um equívoco. Os critérios de verdade dessas manifestações são distintos, assim como sua estrutura e discurso⁵². Segundo Jung⁵³, o símbolo representa experiências e vivências por meio de imagens, abrangendo aspectos tanto conscientes quanto inconscientes. Nesse contexto, os sonhos podem ser compreendidos como uma "reação" do corpo às experiências cotidianas, um fenômeno que poderia ser aplicado ao caso da Sra. RSA, cuja mente pode ter "reagido" a uma tentativa "desesperada" de preservar sua própria sobrevivência. O conceito de eficácia simbólica de Lévi-Strauss⁵⁴ é pertinente nesse contexto, contribuindo para a compreensão da dimensão simbólica e cultural subjacente às práticas de cura relacionadas às garrafadas.

No processo familiar, o conhecimento é transmitido de geração em geração, preservando e perpetuando saberes ancestrais dentro do contexto familiar. Este tipo de transmissão foi evidenciado no relato do Sr. NJP, que aprendeu sobre plantas medicinais e a preparação de garrafadas com sua avó e mãe. O processo de vivência,

⁴⁹ No Antigo Testamento da Bíblia Judaico-Cristã, o livro de Genesis narra a história de José no Egito, que passou a interpretar sonhos, dois deles, o do copeiro e do padeiro que o fizeram ser reconhecido na sua comunidade.

⁵⁰ HARNER, Michael. *O caminho do xamã: um guia de poder e cura*. São Paulo: Goya, 2023.

⁵¹ KRENAK, 2023, p. 44.

⁵² SERBENA, Carlos Augusto. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, v. 16, n. 1, p. 76-82, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735613010.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023.

⁵³ JUNG, Carl Gustav. On the psychology of Eastern meditation. *Analytical Psychology Club of New York*, 1949.

⁵⁴ LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. In: *Antropologia estrutural I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1958.

por sua vez, envolve a aprendizagem através da observação e interação com a comunidade. O Sr. OFA exemplifica esse método ao adquirir conhecimentos durante suas andanças e observações da oralidade e práticas dos mais velhos. Enquanto o processo de revelação, que destaca a dimensão espiritual e simbólica da aquisição de conhecimento, foi observado nas falas da Sra. RSA, ao relatar ter recebido instruções sobre a preparação de garrafadas através de sonhos.

Ressalta-se que nas vivências e na sociabilidade as identidades vão sendo construídas, incluindo a relação de amizades que Carneiro da Cunha⁵⁵ cita como relevante no processo de identidades pessoais, estas não são apenas construídas pelos aspectos biológicos e sociais familiares. A autora ainda ressalta que em meio a constituição miscigenada não se pode negar atributos ocidentais da pessoa, mesmo sendo ser único e diferenciado com dinâmica própria como sujeito sociocultural.

Deste modo, esta pesquisa classificou em três os processos de aquisição de conhecimentos – familiar, vivência e revelação – destacando as diversas maneiras pelas quais o conhecimento sobre as garrafadas foi adquirido, ressaltando a riqueza e complexidade da transmissão de saberes na medicina popular. Cada processo contribuiu de maneira única para a formação dos garrafeiros, integrando elementos de tradição, experiência comunitária e espiritualidade, e evidenciando a profunda e múltipla natureza do conhecimento tradicional.

Partindo desta compreensão, indagou-se aos garrafeiros: quantos anos você tinha quando despertou em você a vontade de querer aprender a fazer esses remédios caseiros?

NJP: “O despertar e o aprendizado foi desde criança, quando comecei a praticar no 3° ou 4° ano primário, quando participava de feiras de ciências na escola, com plantas medicinais, fazia muito sucesso e os colequinhas aceitavam e assim fazíamos bons trabalhos.”

OFA: “Quando ainda era muito jovem por volta dos meus 20 anos, eu sabia que ia trazer muitos benefícios para mim e para quem precisasse.”

RSA⁵⁶: “Eu nem sei, já tá com mais de... está com 30 anos que eu descobri isso [...]. Pois é, foi desde que eu tive o Dande que eu fiquei doente, que aí eu fiquei boa com essa

⁵⁵ CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. *In: Cultura com aspas*. São Paulo: Ubu Editora, 2009. p. 311-373.

⁵⁶ As pessoas citadas na fala da Sra. RSA referem-se aos seus parentes, nomes e apelidos foram alterados.

garrafada, porque o médico tinha me desenganado, aí disse que eu podia ir pra casa e que só Deus podia dar jeito e mais ninguém, doutor daqui da Terra não curava. Eu disse: - Doutor se eu for pra casa, só é Deus que vai me curar, eu não preciso de médico. Aí eu fui embora pra casa e confiei no remédio e comecei a tomar e aí fui, um litro que eu tomei, quando cheguei na metade eu já me levantava sozinha pra andar, [...]. Aí foi assim que foi, aí foi contando tudinho, serve pra próstata, serve pra inflamação, pra dar sangue e agora mesmo essa doença que eu tive, que eu não podia nem tá sentada, foi só eu começar a tomar, pronto e fui recuperando meu sangue de volta.”

A partir dos relatos, é possível compreender melhor o processo de aprendizagem dos garrafeiros: familiar, vivência e revelação.

Na infância, o Sr. NJP foi incentivado ao cultivo de plantas medicinais e ao uso de remédios naturais, notadamente as garrafadas. Sua família o guiou a vivenciar toda a experiência de contato com a natureza desde cedo, um fator positivo para seu desenvolvimento como indivíduo. A importância do contato com a natureza desde a infância é estudada por psicólogos como Susan Strife e Liam Downey⁵⁷, que em suas pesquisas, destacam os benefícios cognitivos, emocionais e físicos que resultam das interações das crianças com o meio ambiente.

O Sr. NJP, ao manter essa tradição familiar, exemplifica não apenas a transmissão de conhecimentos práticos, mas também a materialização simbólica por meio do cultivo e da observação do processo de elaboração das garrafadas conduzido por sua avó e sua mãe. Na perspectiva antropológica de Cohn⁵⁸, o foco reside não apenas na condição cognitiva da criança ao elaborar sentidos e significados, mas sim no sistema simbólico a partir do qual esses processos se desdobram. Além disso, nesses ambientes, os significados são construídos e negociados em interação com os elementos culturais e sociais que permeiam sua vida⁵⁹.

Por sua vez, o Sr. OFA, embora tenha vivenciado pouco na infância o ato de "fazer as garrafadas", nutriu interesse persistente em adquirir esse conhecimento ao longo da vida. Sua busca atesta a consonância com os princípios da escola estrutural-

⁵⁷ STRIFE, Susan; DOWNEY, Liam. Childhood development and access to nature: A new direction for environmental inequality research. *Organization & environment*, v. 22, n. 1, p. 99-122, 2009. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1086026609333340>. Acesso em: 20 out. 2023.

⁵⁸ COHN, 2005.

⁵⁹ MARTINS, Ernesto Candeias. Child-Portuguese childhood in the dictionaries and socio-educational and legal discourses (19th century and 20th century). *Revista Educação em Questão*, v. 59, n. 60, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2021v59n60id25075>.

funcionalista de Radcliffe-Brown (1952)⁶⁰, que valoriza as práticas e o processo de socialização como elementos fundamentais na construção do papel social dos indivíduos. A dedicação do Sr. OFA em aprender esse ofício culminou no reconhecimento pela sociedade benjaminense como um habilidoso fazedor de garrafadas, demonstrando a dinâmica de assumir um papel social que antecede e define seu status e posição na sociedade.

No caso da Sra. RSA, a tradição e o interesse pessoal não foram os catalisadores para aprender a arte das garrafadas, como anteriormente mencionado. Sua iniciação ocorreu por meio de uma revelação em um sonho, configurando uma dádiva com obrigações triplas, conforme classificado por Mauss⁶¹ — dar, receber e retribuir⁶². Ao expressar sua confiança no remédio e iniciar seu consumo, a Sra. RSA introduz a dimensão da fé, que, segundo Tillich⁶³, representa a condição de entrega incondicional a algo que transcende qualquer linguagem além da simbólica. Este aspecto revela a independência da experiência em relação à religião, destacando a universalidade do fenômeno simbólico que permeia o seu envolvimento com as garrafadas.

Desse modo, ocorreram as relações sociais e as forças produtivas para a produção das garrafadas. Análogo a isso, tem-se o trabalho de Godelier⁶⁴, que encontrou uma contextualização relevante no processo de aquisição do conhecimento associado à prática de elaboração das garrafadas. Tendo como resultado desse processo, o próprio trabalho envolvido na criação desses preparados medicinais, "processos de trabalho". Godelier identificou dois componentes intrinsecamente entrelaçados nesse contexto: uma parte material, abrangendo utensílios e o praticante, e uma parte ideal, envolvendo as representações da natureza e as regras

⁶⁰ RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. *Structure and function*. London: Cohen and West, 1952. Disponível em: <https://www.anthropomada.com/bibliotheque/Radcliffe-Brown.pdf>. Acesso em: 14 out. 2023.

⁶¹ MAUSS, Marcel. *Gift: Forms and Functions of Exchange in Archaic Societies*. London: Forgotten Books, 1901.

⁶² Marcel Mauss, em Ensaio sobre a Dádiva, introduziu a ideia de que a dádiva não é um ato desinteressado, mas carregado de obrigações. A dádiva é um fenômeno que envolve não apenas dar, mas também receber e retribuir, criando laços espirituais e vínculos entre as pessoas. MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva: (in Sociologia e antropologia)*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

⁶³ TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1974.

⁶⁴ GODELIER, 1981.

de fabricação, relacionada ao conhecimento sobre a composição e mistura dos diversos componentes das garrafadas.

Silva Monteiro *et al.*⁶⁵ explicitam que entre os povos tradicionais indígenas ocorrem cuidados mútuos, com a floresta e todos os seres, e da mesma forma, a natureza responde ao cuidar deles também. Essa perspectiva reforça a ideia de que, no contexto da produção das garrafadas, elementos simbólicos desempenham um papel decisivo, conectando-se às crenças e processos que permeiam a relação entre o homem, a natureza e as forças invisíveis que regem a existência.

A FEITURA DAS GARRAFADAS

A colheita e a seleção das plantas

O processo de fazer garrafadas abrange desde o reconhecimento e colheita até a seleção das plantas. Essa prática demanda conhecimentos específicos, especialmente na identificação de plantas semelhantes, o que pode gerar confusão para quem não é experiente nesse reconhecimento.

Cada planta possui seus nutrientes e benefícios, os saberes tradicionais repassados pela cultura popular, ajudam na identificação e seleção das plantas, por seus benefícios a saúde do corpo, da mente e das emoções. Sendo assim, questionou-se aos garrafeiros: quais plantas você trabalha (usa)?

NJP: “São várias, tem coisas que a gente não consegue explicar por que vem como dom. Explico: trabalho com plantas específicas para cada problema exemplo: estômago – boldo, elixir paregórico (Ocimum selloi Benth), casca de laranja, coirama (Kalanchoe brasiliensis Cambess) e completo com algumas que vem por inspiração. No geral são algumas: pobre velho (Costus spicatus), mastruz (Dysphania ambrosioides), pata-de-vaca (Bauhinia forficata), caju, capeba (Piper umbellatum L.), goiaba, manga, quebra-pedra (Phyllanthus niruri), crajiru (Bignoniaceae), taperebá (cajá), bacurau, jambu (Acmella oleracea), limão, graviola etc.”

OFA: “Crajiru, unha-de-gato (Uncaria tomentosa), casca da copaibeira (Copaifera langsdorffii Desf.), cedro (Cedrus), mururé (Brosimum acutifolium), acapurana (Campsiandra laurifolia Benth.) e sangue de drago (Croton lechleri).”

RSA: “São muitas, tem a casca do velame (Euphorbiaceae), serve pra ameba. Tem o mururé, chichuá (Maytenus guianensis), a copaíba, acapurana, araparí (Macrobium acaciifolium), sangue de drago, velame e a vagem de jucá misturada. A chichuá serve pra frieza, copaíba e a acapurana misturado com araparí e sangue de drago serve pra

⁶⁵ SILVA MONTEIRO *et al.*, 2024.

inflamação, pra dar sangue, se tiver algum problema como tumor por dentro ele desce tudinho sem nenhum problema.”

A partir desses relatos, é possível perceber o domínio dos garrafeiros quanto a manipulação das plantas medicinais e a sua finalidade. Porém, a legitimidade hegemônica e o reconhecimento do trabalho na produção de garrafadas têm implicações legais. A legislação vigente que regula o registro de medicamentos fitoterápicos é a Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 14/2010. Essa normativa estabelece criteriosos parâmetros de controle para cada fase da cadeia de produção, desde as matérias-primas ativas, compreendendo drogas e derivados vegetais, até a fase final do produto, ou seja, o medicamento fitoterápico acabado⁶⁶. Apesar de os entrevistados empregarem diversas partes de plantas (casca, folhas, flores e frutos) na elaboração das garrafadas, os conhecimentos que fundamentam essas práticas são empíricos, carecendo de comprovação científica de sua eficácia.

É importante observar que os saberes tradicionais antecedem a ciência moderna hegemônica, suscitando o interesse da indústria farmacêutica em isolar compostos naturais para posterior síntese e comercialização. Contudo, a validação dessas práticas pelo setor farmacêutico é condicionada à realização de estudos prévios e comprovações científicas. Para as comunidades tradicionais, a legitimidade reside no conhecimento transmitido ao longo do tempo, valorizando os ensinamentos dos mais velhos. Nesse contexto, a legitimidade é intrínseca ao grupo, sendo mais significativa do que o reconhecimento universal. Vale ressaltar que para essas comunidades, a aquisição do conhecimento não se limita a formas específicas, e a validação do grupo é mais relevante do que qualquer outra forma de reconhecimento externo.

Carneiro da Cunha⁶⁷ menciona plantas referidas pelos interlocutores que já foram cientificamente comprovadas quanto à sua eficácia na promoção da saúde humana, a exemplo do sangue de drago. Este é utilizado por indígenas amazônicos

⁶⁶ BRASIL. Ministério da saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Resolução RDC nº 14, de 31 de março de 2010*. Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2010/rdc0014_31_03_2010.html. Acesso em: 24 nov. 2023.

⁶⁷ CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. *Revista USP*, n. 75, p. 76-84, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13623/15441>. Acesso em: 24 out. 2023.

no Peru como agente cicatrizante e contém o alcaloide taspina, responsável por tal efeito; plantas medicinais usadas como antidiarreicos na medicina tradicional têm efeito no combate aos rotavírus que causam diarreia e são o maior fator de mortalidade infantil. Porém, Costa⁶⁸ assevera que apesar da resistência da ciência oficial, a medicina tradicional frequentemente surpreende pelos seus resultados, os quais os cientistas atribuem a um componente subjetivo: a fé daqueles que se submetem ao processo de cura.

Questionou-se também: Desde quando você começou a fazer essas garrafadas? Você fez alterações mudando as fórmulas ou algo parecido? Os garrafeiros responderam:

NJP: *“Desde mais ou menos 1992 – 93. Nunca me uni a laboratórios de bioquímica (mas acho boa ideia). O que faço são misturas por exemplo: a garrafada para câncer são as misturas de mel de abelha, babosa (Aloe vera), avelós (Euphorbia tirucalli), noni (Morinda citrifolia), etc, batidas em liquidificador.”*

OFA: *“Mudanças propriamente ditas eu não fiz, só que uma vez ou outra eu ouço falar que a casca tal com casca tal faz bem para tal coisa, aí eu faço e experimento. As vezes dá certo, as vezes não dá, assim vou levando.”*

RSA: *“Não. Foi direto, depois que eu tomei aí pronto, aí todo mundo viu que eu fiquei bem, todo mundo chegava e todo tempo comprando.”*

O Sr. NJP, distinguindo-se dos demais entrevistados pela posse de formação acadêmica de nível superior, relata sua prática de realizar "misturas" e expressa o interesse em estabelecer parcerias com laboratórios bioquímicos. A análise de sua perspectiva revela uma possível correlação entre sua escolaridade mais elevada e a consideração positiva em relação à colaboração com instituições científicas.

É notável que sua disposição para estabelecer colaborações com laboratórios bioquímicos reflete uma consciência do papel da ciência contemporânea na ampliação do conhecimento sobre as práticas tradicionais de plantas medicinais. O Sr. NJP, ao adotar essa postura, está em sintonia com o campo da "etnobotânica aplicada ao

⁶⁸ COSTA, Elizabeth Parente. *Benzedeiras no sistema oficial de saúde do Ceará: relações entre religiosidade e medicina popular*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009. p. 24. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/bitstream/handle/10899/25703/Elizabeth%20Parente%20Costa.pdf?squence=1>. Acesso em: 18 nov. 2023.

estudo de plantas medicinais"⁶⁹, o qual, por sua vez, mantém uma estreita relação com a etnofarmacologia. Este último campo de estudo se destaca pela exploração científica interdisciplinar de agentes biologicamente ativos, previamente utilizados ou observados por grupos humanos específicos.

O Sr. OFA realiza testes empíricos, enfatizando que, em algumas situações, os resultados são favoráveis, enquanto em outras, não. Embora seja imperativo conduzir tais testes para avaliar a eficácia, é crucial reconhecer que certas combinações podem desencadear reações químicas devido à própria composição, gerando produtos inesperados.

A principal causa de intoxicações está associada à presença de alcaloides, cardiotônicos, glicosídeos cianogenéticos, proteínas tóxicas, glicosídeos e furanocumarinas, provenientes de algumas espécies de plantas ornamentais⁷⁰. Este risco também se estende às plantas medicinais, uma vez que muitos medicamentos sintéticos ou semissintéticos têm origens nessas plantas e são metabolizados no organismo em substâncias semelhantes. Por exemplo, o ácido acetilsalicílico (aspirina), extraído de *Salix alba*, é metabolizado no fígado em ácido salicílico. Assim, extratos dessa planta podem apresentar efeitos análogos aos da aspirina, aumentando o risco de hemorragias em tratamentos com warfarina⁷¹.

Nesse contexto, qualquer manipulação que se afaste do habitual pode aumentar a probabilidade de acidentes. Por outro lado, a Sra. RSA mantém a fórmula há mais de trinta anos, embora comercialize as garrafadas como meio de sustento para o seu ofício. Ao seguir a tríplice perspectiva de "dar, receber e retribuir" proposta por Mauss⁷², ela se encontra na posição de ter que remunerar indivíduos para a coleta de cascas de árvores necessárias à produção das garrafadas. Dada a dificuldade de acesso a essas matérias-primas, frequentemente encontradas apenas em matas

⁶⁹ MACIEL, Maria Aparecida M. *et al.* Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. *Química nova*, v. 25, p. 429-438, 2002. p. 429. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/qn/a/tgsYhzfzBs3pDLQ5MtTnw9c/>. Acesso em: 24 out. 2023.

⁷⁰ COSTA, Tatiane de Oliveira; ALMEIDA, Obertal da Silva. O conhecimento popular e o risco de intoxicação por ervas. *EFDeportes.com*, Revista Digital, Buenos Aires, 2014. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd194/o-risco-de-intoxicacao-por-ervas-medicinais.htm>. Acesso em: 24 out. 2023.

⁷¹ VEIGA JUNIOR; PINTO; MACIEL, 2005, p. 524.

⁷² MAUSS, 1901.

fechadas, ela estabelece um preço simbólico de R\$ 20,00 para garrafas de 2 litros, tornando sua oferta mais acessível do que muitas marcas de xaropes disponíveis em drogarias. Assim, ao estabelecer esse preço, ela efetua uma "retribuição" àqueles que a procuram.

O preparo das garrafadas

O preparo das garrafadas é um momento em que os saberes populares da medicina natural desempenham um papel fundamental na determinação da higienização das cascas, folhas, frutos e sementes. Além disso, esses conhecimentos orientam a definição do tempo de imersão das plantas, o período de fervura, a exposição ao sol e as modalidades de consumo, seja por meio de banhos ou pela ingestão do líquido. Este ritual reflete uma interação complexa entre os conhecimentos tradicionais e as práticas cotidianas, destacando a importância do saber popular na elaboração dessas preparações medicinais.

A partir deste entendimento, se perguntou: quais são os procedimentos que são feitos para chegar ao objetivo necessário? Os garrafeiros responderam:

NJP: *“Eu trabalho com um método, fruto de um curso realizado pela Arquidiocese de Manaus. Consiste no método da bioenergética. É um método de examinar o paciente pela energia do corpo, então eu uso um arame de cobre sendo auxiliado por uma outra pessoa. Esse método consiste em detectar enfermidades e testar as plantas para verificar as que serão usadas no tratamento.”*

OFA: *“Bem, as vezes eu cozinho, as vezes eu só coloco no sol, depende muito do tipo do remédio.”*

RSA: *“Coloco no Sol, depende se por acaso for para tomar amanhã, eu fazendo hoje e dando o sol o dia todinho, amanhã já pode começar a tomar, aí você pode levar e colocar no sol todos os dias e dura até 15 dias. É, e assim botando no sol se for possível passa mês só que ele engrossa sabe, ele fica grosso, mas ele não puba, ele não é feito cozinhado, é feito cru. Aí a pessoal pergunta, o quê que eu faço para não ficar pubo, com aquele gosto ruim aí fica azedo, baboso, e eu digo que não faço nada, o problema é não deixar ele sem pegar sol, manter ele sempre no sol, pode até passar mês.”*

O Sr. NJP menciona o método bioenergético, explicando que se trata de "um método de examinar o paciente pela energia do corpo, utilizando um arame de cobre com a assistência de outra pessoa". Segundo Barbieri⁷³, para realizar essa prática,

⁷³ BARBIERI, Maria Paschoalina. *O Bioenergético e as Plantas Medicinais*. 2008. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/61652990/O-bioenergetico-e-as-plantas-medicinais>. Acesso em: 24 nov. 2023.

alguns pré-requisitos são necessários, incluindo conhecimento de anatomia e fisiologia para identificar os pontos de exame, compreensão do funcionamento do organismo e da energia, bem como a maneira como ela age e reage no corpo. Durante a avaliação, é crucial que ninguém esteja utilizando metais junto ao corpo, a fim de evitar interferências magnéticas no processo.

A bioenergética é classificada como Terapia Alternativa, desaconselhada pelo Conselho Federal de Medicina, assim como o uso de plantas medicinais. Os resultados dessas práticas são atribuídos à fé, e quando os resultados esperados não são alcançados, a fé e a crença no sistema persistem, uma vez que são elementos sempre coletivos⁷⁴. Após a avaliação por meio da bioenergética, ao paciente é prescrita uma quantidade de "remédio natural" na forma de chás e garrafadas, considerados pela prática como a medida "certa" para combater ou aliviar sua enfermidade.

O Sr. OFA utiliza métodos de cocção, seja por fogo direto ou exposição à radiação solar, para alcançar o resultado desejado da garrafada pronta. Interessante notar que a Sra. RSA, ao realizar o processo de "cozimento" dos componentes da garrafada exclusivamente através da radiação solar, aplica, talvez de forma intuitiva, um conhecimento empírico. Ela compartilha uma prática curiosa, mencionando as perguntas frequentes sobre como evitar que a garrafada adquira um sabor desagradável, tornando-se azeda ou pegajosa. Sua resposta enfatiza a importância de manter o preparo sempre exposto ao sol, indicando que até mesmo um mês de exposição é aceitável.

Surpreendentemente, a prática da Sra. RSA alinha-se com o método SODIS (Solar Disinfection), que é capaz de inativar bactérias, como a *Escherichia Coli*, na água em cerca de 70,0% após 4-6 horas de exposição solar⁷⁵. Essa constatação sugere que, sem saber, ela emprega um conhecimento adquirido por meio de um

⁷⁴ DA COSTA, Gilmar; DA SILVA, Patrícia Sanches. Tratamento bioenergético: estudo etnofarmacológico de plantas medicinais da Pastoral da Saúde Alternativa de Cotriguaçu, MT. *Biodiversidade*, v. 13, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/biodiversidade/article/view/1544>.

⁷⁵ OATES, Thomas W.; ROBINSON, Melanie; GUNSOLLEY, John C. Surgical therapies for the treatment of gingival recession. A systematic review. *Annals of periodontology*, v. 8, n. 1, p. 303-320, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1902/annals.2003.8.1.303>.

sonho como uma técnica eficaz para a desinfecção da água. Essa interseção entre práticas tradicionais e métodos modernos evidencia a riqueza e a utilidade dos saberes empíricos incorporados às práticas cotidianas, um fenômeno interessante para a compreensão das dinâmicas culturais e científicas envolvidas no preparo das garrafadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de campo, apesar dos desafios inerentes à exposição ao ambiente e à imprevisibilidade dos resultados, mostrou-se como uma empreitada de imensa relevância para o pesquisador. No contexto deste estudo, a jornada proporcionou a revelação de narrativas de vida ricas e intrincadas por parte dos sujeitos pesquisados.

A análise das respostas dos interlocutores permitiu categorizar a aquisição de conhecimento em três modalidades distintas: tradição familiar, busca ativa por meio de vivências e a revelação por meio de sonhos. Essa classificação possibilitou a interpretação dos dados dentro do campo da antropologia cultural, desde a abordagem da infância até as perspectivas estruturalistas.

No tocante ao processo de aquisição, destacou-se a perspectiva estrutural-funcionalista, especialmente no que diz respeito ao simbólico presente na tradição familiar e na dádiva adquirida por meio da revelação. Isso evidencia, ainda, o processo de socialização, no qual os indivíduos assumiram o papel social de fazedores de garrafadas, aspecto correlato ao enfoque estrutural-funcionalista.

Os interlocutores mencionaram diversas plantas utilizadas na elaboração das garrafadas, muitas das quais tiveram sua eficácia no tratamento de enfermidades corroborada pela indústria farmacêutica. Dessa forma, apesar do caráter empírico que permeia a prática das garrafadas ao longo dos anos, elas não apenas antecedem a ciência, mas também se constituem como elementos da natureza e da cultura. Essa dualidade legitima os fazedores de garrafadas como portadores e transmissores de um conhecimento acumulado, enraizado na interação entre a sabedoria tradicional e os avanços científicos contemporâneos.

Dessa forma, ao considerarmos a eficácia simbólica no âmbito da antropologia, ampliamos não apenas nossa percepção sobre as práticas medicinais

populares, mas também a compreensão das dinâmicas culturais subjacentes. A fé na eficácia simbólica das garrafadas não apenas influencia a percepção individual da cura, mas também contribui para a coesão social, promovendo uma compreensão compartilhada do papel dessas práticas no contexto cultural em que estão inseridas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Mara Zélia de. Plantas medicinais: abordagem histórico-contemporânea. *Plantas Medicinais* [online], v. 3, p. 34-66, 2011. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/xf7vy/pdf/almeida-9788523212162-03.pdf>.
- BARBIERI, Maria Paschoalina. *O Bioenergético e as Plantas Medicinais*. 2008. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/61652990/O-bioenergetico-e-as-plantas-medicinais>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- BEZERRA, Cristina Diógenes Souza. Processos de cura com ervas da terra: saberes de uma Doutora Raiz. *Equatorial—Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, v. 3, n. 5, p. 156-183, 2016. DOI: <https://doi.org/10.21680/2446-5674.2016v3n5ID14921>.
- BOSI, Ecléa. Memória da psicologia. *Estudos avançados*, v. 8, p. 379-388, 1994. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141994000300048>.
- BRASIL. *Lei 5.991, de 17 de dezembro de 1973*. Dispõe sobre o controle sanitário do comércio de drogas, medicamentos, insumos farmacêuticos, e correlatos e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5991.htm. Acesso em: 02 out. 2023.
- BRASIL. Ministério da saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Resolução RDC nº 14, de 31 de março de 2010*. Dispões sobre o registro de medicamentos fitoterápicos. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2010/rdc0014_31_03_2010.html.
- CABRAL, João de Pina; LIMA, Antônia Pedroso de. Como fazer uma história de família: um exercício de contextualização social. *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, v. 9, n. 2, p. 355-388, 2005. DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.2975>.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira. *Kardecismo e Umbanda*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: *Cultura com aspas*. São Paulo: Ubu Editora, 2009. p. 311-373.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; DE ALMEIDA, Mauro Barbosa. Enciclopédia da Floresta – O Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações. *Revista Cantareira*, n. 2, 2002. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27683>. Acesso em: 12 out. 2023.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. *Revista USP*, n. 75, p. 76-84, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13623/15441>. Acesso em: 24 out. 2023.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica – antropologia e literatura no séc.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. 281 p.

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005. 59 p.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *Geografia cultural: uma antologia*, v. 1, p. 219-237, 2012.

COSTA, Elizabeth Parente. *Benzedeiras no sistema oficial de saúde do Ceará: relações entre religiosidade e medicina popular*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/bitstream/handle/10899/25703/Elizabeth%20Parente%20Costa.pdf?sequence=1>.

COSTA, Tatiane de Oliveira; ALMEIDA, Obertal da Silva. O conhecimento popular e o risco de intoxicação por ervas. *EFDeportes.com*, Revista Digital, Buenos Aires, 2014. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd194/o-risco-de-intoxicacao-por-ervas-medicinais.htm>.

DA COSTA, Gilmar; DA SILVA, Patrícia Sanches. Tratamento bioenergético: estudo etnofarmacológico de plantas medicinais da Pastoral da Saúde Alternativa de Cotriguaçu, MT. *Biodiversidade*, v. 13, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/biodiversidade/article/view/1544>.

DA CRUZ MONTEIRO, Siomara; BRANDELLI, Clara Lia Costa. *Farmacobotânica: Aspectos Teóricos e Aplicação*. Porto Alegre: Artmed, 2017.

DE ARRUDA CAMARGO, Maria Thereza Lemos. A garrafada na medicina popular: uma revisão historiográfica. *Dominguezia*, v. 27, n. 1, p. 41-49, 2011. Disponível em: <https://ojs.dominguezia.org/index.php/Dominguezia/article/view/2011%2027%281%29-4>.

DE ARRUDA CAMARGO, Maria Thereza Lemos. Os poderes das plantas sagradas numa abordagem etnofarmacobotânica. *Revista do Museu de Arqueologia e*

Etnologia, n. 15-16, p. 395-410, 2006. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2006.89745>.

DE OLIVEIRA, Walter F. *A construção cultural da saúde e o espaço da medicina tradicional*. [en línea], 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ronald-Chaves/publication/366946670_PAPER_1_A_CONSTRUCAO_CULTURAL_DA_SAUDE_E_O_ESPACO_DA_MEDICINA_TRADICIONAL_1/links/63b9cb14c3c99660ebd8859c/PAPER-1-A-CONSTRUCAO-CULTURAL-DA-SAUDE-E-O-ESPACO-DA-MEDICINA-TRADICIONAL-1.pdf.

FARNSWORTH, Norman R.; SOEJARTO, Djaja Doel. Global importance of medicinal plants. *The conservation of medicinal plants*, v. 26, n. 26, p. 25-51, 1991. Disponível em: https://ceab-rizoma.com/wp-content/uploads/2021/04/LIBRO-AKERELE-ETAL-1988-Conservacion-de-plantas-medicinales_compressed.pdf#page=46.

FRANCO, Mariana Ciavatta Pantoja. “Conhecimentos Tradicionais”: uma discussão conceitual. *Anais do Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental*, n. 1, 2016. Disponível em: <https://teste-periodicos.ufac.br/index.php/simposiounfac/article/view/794/396>.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989. cap. 1, p. 15-54.

GODELIER, Maurice. A parte ideal do real. In: *Godelier: Antropologia*. São Paulo: Ática, 1981. p. 185-204.

HARNER, Michael. *O caminho do xamã: um guia de poder e cura*. São Paulo: Goya, 2023.

JUNG, Carl Gustav. On the psychology of Eastern meditation. *Analytical Psychology Club of New York*, 1949.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. Práticas indígenas de cuidado. In: BARRETO, Alexandre Franca *et al.* (org.). *Saberes Ancestrais e Cura Integrativa: Diálogos Decoloniais*. Recife: ObservaPICS, 2023.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. In: *Antropologia estrutural I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1958.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. *Antropologia estrutural*, v. 5, p. 193-214, 1975. Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/mas/files/strauss_magia_ed.1978.pdf.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Ordre et désordre dans la tradition orale. Paroles données*, p. 150-157, 1984.

LIMA BARRETO, João Paulo. Medicina ancestral indígena Yepamahsã e o Centro de Medicina Indígena Bahserikowi. In: BARRETO, Alexandre Franca *et al.* (org.). *Saberes Ancestrais e Cura Integrativa: Diálogos Decoloniais*. Recife: ObservaPICS, 2023.

MACIEL, Maria Aparecida M. *et al.* Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. *Química nova*, v. 25, p. 429-438, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/qn/a/tgsYhzfzBs3pDLQ5MtTnw9c/>.

MARQUES, J. O.; OLIVEIRA, M. F. F.; LACERDA, G. A. Efeito alelopático e análise dos rótulos de garrafadas comercializadas no Mercado Municipal de Montes Claros–MG. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 17, p. 1134-1141, 2015. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-084X/14_160.

MARTINS, Ernesto Candeias. Child-Portuguese childhood in the dictionaries and socio-educational and legal discourses (19th century and 20th century). *Revista Educação em Questão*, v. 59, n. 60, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2021v59n60id25075>.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva: (in Sociologia e antropologia)*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MAUSS, Marcel. *Gift: Forms and Functions of Exchange in Archaic Societies*. London: Forgotten Books, 1901.

MOTA, Marinete Lourenço. *A criança na fronteira amazônica: o viver no fio da navalha e o imaginário da infância*. 2016. 259 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5412>. Acesso em: 07 jul. 2024.

OATES, Thomas W.; ROBINSON, Melanie; GUNSOLLEY, John C. Surgical therapies for the treatment of gingival recession. A systematic review. *Annals of periodontology*, v. 8, n. 1, p. 303-320, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1902/annals.2003.8.1.303>.

OLIVEIRA, Joana Cabral de. Entre Chico Mendes e Quine: uma conversa com Manuela Carneiro da Cunha e Mauro Almeida. *Anuário Antropológico*, v. 45, n. 3, p. 205-220, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/6661>.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. *Estrategia de la OMS sobre medicina tradicional 2014-2023*. 2013. Disponível em: <https://www.who.int/iris/handle/10665/95008>. Acesso em: 05 jul. 2024.

PASSOS, Márcia Maria Barros *et al.* A disseminação cultural das garrafadas no Brasil: um paralelo entre medicina popular e legislação sanitária. *Saúde em debate*, v. 42, p. 248-262, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201811620>.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. *Structure and function*. London: Cohen and West, 1952. Disponível em: <https://www.anthropomada.com/bibliotheque/Radcliffe-Brown.pdf>.

RAMOS, Elisa Urbano. Práticas de cura do povo Pankararu. In: BARRETO, Alexandre Franca *et al.* (org.). *Saberes Ancestrais e Cura Integrativa: Diálogos Decoloniais*. Recife: ObservaPICS, 2023.

ROSE, Gillian. *Visual methodologies: An introduction to researching with visual materials*, 2022. 100 p.

RUFINO, Luiz. Performances afro-diaspóricas e decolonialidade: o saber corporal a partir de exu e suas encruzilhadas. *Revista Antropolítica*, v. 40, n. 1, p. 54-80, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/download/54749973/antropolitica_Rufino.pdf.

SERBENA, Carlos Augusto. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, v. 16, n. 1, p. 76-82, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735613010.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SILVA, Amanda Cardoso da; LOBATO, Flavio Henrique Souza; RAVENA-CANETE, Voyner. Plantas medicinais e seus usos em um quilombo amazônico: o caso da comunidade Quilombola do Abacatal, Ananindeua (PA). *Revista do NUFEN*, v. 11, n. 3, p. 113-136, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v11n3/a08.pdf>.

SILVA MONTEIRO, Alcioni *et al.* Uso de Plantas Medicinais por Povos Milenares da Amazônia–Brasil (Munduruku, Karapãna, Pupýkary, Tikuna e Kokama), Guiné Bissau (Fulas, Gabu) e Moçambique–Tete (Dema e Nyungwe): Uma Perspectiva Comparada. *Educamazônia-Educação, Sociedade e Meio Ambiente*, v. 17, n. 2, p. 533-572, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/educamazonia/article/download/15781/9567/41485>.

STRIFE, Susan; DOWNEY, Liam. Childhood development and access to nature: A new direction for environmental inequality research. *Organization & environment*, v. 22, n. 1, p. 99-122, 2009. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1086026609333340>. Acesso em: 20 out. 2023.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1974.

VEIGA JUNIOR, Valdir F.; PINTO, Angelo C.; MACIEL, Maria Aparecida M. Plantas medicinais: cura segura? *Química nova*, v. 28, p. 519-528, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-40422005000300026>.